

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO

O Tesouro do Feiticeiro



FERNANDO LIGUORI
Tata Nganga Kamuxinzela



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

MASSOFIA: DO GRIMÓRIO IBÉRICO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

DA SÉRIE: O LIVRO SE SÃO CIPRIANO¹

Massofia é um espírito, diabrete ou demônio da cultura popular ibero-brasileira. O nome não figura em Agrippa, *DE OCCULTA PHILOSOPHIA*, nem em Weyer, *DE PRAESTIGIIS DAEMONUM*, nem em Collin de Plancy, *DICTIONNAIRE INFERNAL*, nem na *GOÉCIA DE SALOMÃO* ou no *GRIMORIUM VERUM*. É nos terreiros, nas bocas de pais de santo, *tátas* e *metos*, que o nome aparece associado ao repertório de espíritos fáustico-cipriânicos assimilados pela Quimbanda moderna. Na cultura dos terreiros Massofia estaria associado diretamente ao *LIVRO DE SÃO CIPRIANO*. Trata-se, portanto, de uma transmissão *mnemohistórica*: não há vestígio verificável em edições críticas ou antigas de *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO*, mas há a memória operativa de terreiros que repetem o nome em rezas, cantos, *zimbas* e outros fundamentos. Alguns sacerdotes e compiladores de *livros de segredos* espalhados pela internet também registraram listas em que Massofia aparece; contudo, tais materiais não encontram base em edições portuguesas ou brasileiras historicamente atestadas do *CIPRIANO* ou qualquer outro manual de espíritos ou demônios. Esse é o primeiro ponto a frisar: até o presente momento, não existe prova documental de que Massofia figure em qualquer edição de *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO* ou qualquer grimório conhecido. O que existe é o trânsito cultural.

O *CIPRIANO* foi amplamente difundido em Portugal no Séc. XIX e, no Brasil, tornou-se um *almanaque ocultista* de referência no início do Séc. XX. Circulava em feiras, mercados e bancas de jornal, alcançando tanto centros urbanos quanto áreas rurais. João do Rio, em *AS RELIGIÕES DO RIO* (1904), já mostrava o livro escondido em altares da Macumba, e Edison Carneiro, em *RELIGIÕES NEGRAS* (1936), confirma seu uso entre curandeiros e pais de santo. É nesse ambiente de circulação entre o impresso popular e a prática ritual que nomes como Massofia ganham corpo: um nome que não se lê, mas que se fala; não se documenta em biblioteca, mas se consagra em ponto riscado. Ao ser transposto para a Quimbanda, Massofia deixa de ser simples eco de um grimório ibérico e se converte em Exu de ciência, guardião dos saberes ocultos, espírito de doutrina e de segredo.

Tal como Exu Cipriano Feiticeiro e Pombagira Bruxa de Évora, Exu Massofia vem do mito: não do mito entendido como fábula ou invenção, mas como narrativa fundadora que atravessa livros, oralidades e práticas, condensando em nome e figura um campo de poder. Cipriano, transposto da hagiografia do santo-feiticeiro para a Quimbanda, e a Bruxa de Évora, arrancada do imaginário ibérico para o corpo vivo das Pombagiras, são exemplos claros de como o mito se torna presença ritual, ponto riscado e força operativa. Do mesmo modo, Massofia emerge de mitos

¹ A Série de ensaios *O Livro de São Cipriano* são textos que orbitam *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO*, sendo o primeiro volume de uma série de *grimórios fáustico-cipriânicos* alinhados a cultura e cosmovisão da Quimbanda, publicados pela família *Cova de Cipriano Feiticeiro* exclusivamente para seus adeptos iniciados.

populares e da memória oral crioula, ganhando estatuto de Exu. Sua genealogia não é textual no sentido acadêmico, mas mnemohistórica: nasce da circulação de nomes e da legitimação pelo culto, onde o mito deixa de ser apenas narrativa e passa a ser fundamento, pois, na Quimbanda, mito e rito são inseparáveis e é no mito que se reconhece o assento ontológico dos espíritos.

Em alguns terreiros de Quimbanda, Massofia é identificado como o *demônio gargalhada*. Essa denominação indica uma característica funcional: a risada demônica como arma de poder, desestabilização e zombaria contra inimigos. No imaginário ritual, gargalhar não é apenas expressão de alegria, mas ato mágico de domínio. Gargalhada é ruído que quebra a seriedade dos adversários, ecoa como zombaria infernal e desarma pela ironia. Assim, quando Massofia é chamado Gargalhada, ele aparece como espírito de escárnio e terror, capaz de rir diante da dor humana e de rir também como feitiço que desfaz resistências.

Essa associação não se encontra em nenhum grimório europeu conhecido, mas integra claramente a tradição oral crioula. É possível que derive do modo como os próprios terreiros nomeiam seus Exus pela função — Exu Tranca-Ruas, Exu Sete Portas, Exu da Morte, Exu Gargalhada. Nesse caso, Massofia seria o nome cipriânico transposto, enquanto Gargalhada é o título funcional: o mesmo espírito visto sob dois aspectos. A memória oral conecta ambos, reafirmando o caráter risível e zombeteiro de Massofia, mas também sua posição como espírito de sabedoria perversa, guardião do saber oculto, capaz de ensinar através da ironia e da inversão.

Exu Gargalhada constitui uma Legião de Exus muito antiga e, em grande parte, esquecida, embora de importância fundamental entre os arquétipos regentes da Quimbanda. Os mistérios que envolvem os Exus Gargalhada são extensos e complexos, pois eles são, ao mesmo tempo, ocultadores e manifestadores vocais dos Mestres de Quimbanda. Não é à toa o ditado: *Exu de verdade bate rindo*. O nome, nesse caso, revela o mistério: a gargalhada é mais do que riso, é sinal de poder.

Ao contrário do simples verbo *rir*, a palavra *gargalhada* designa o ato de rir de forma estridente, prolongada e penetrante. É risada que ultrapassa a mera diversão: é explosão sonora que tanto pode ser prazerosa quanto cruel. Por isso, não se deve confundir Exu Gargalhada com patrono das artes cômicas. Sua gargalhada liga-se aos prazeres e aos desejos humanos, mas pode igualmente ser a expressão extática da vingança ou da crueldade, sobretudo nos domínios oníricos do Reino da Lira.

A falange de Exu Gargalhada oculta-se em risadas ambíguas: ora alegres, ora sombrias. Quando gargalham, não se sabe se por prazer, ironia ou ódio. Essa risada abre portais de energia, desestabiliza ambientes como onda de choque, comparável à narrativa bíblica da queda de Jericó pelas trombetas. São espíritos que representam liberação, mas que também podem ser sádicos e crueis. Sua ação é estratégica: não expõem ao ridículo, como Exu Carangola, mas destroem silenciosamente, deixando a vítima cair quando pensa estar em estabilidade.

O poder da gargalhada é comparável ao som que atravessa pedras. Assim, Exu Gargalhada rompe barreiras de proteção e alcança o alvo. Essa mesma força pode purificar ambientes, limpando cargas negativas. Não é irrelevante notar que, na Idade Média, o riso foi associado à bruxaria e ao próprio Diabo — uma herança ibérica que se cristalizou no Brasil colonial, incorporada à Quimbanda. Bakhtin, em A CULTURA POPULAR NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO (1965), lembra que o riso sempre foi instrumento de inversão e subversão: ele destrói hierarquias e suspende ordens estabelecidas. A gargalhada, nesse sentido, é também ritual de poder, veículo daquilo que escapa às normas sociais.

Entre os espíritos dessa Legião, destaca-se Exu Sete Gargalhadas, que se desenvolve como *mestre sete*, expandindo sua atuação entre os Reinos. Hoje, é reconhecido como guardião dos caminhos aéreos e dos quatro pontos cardeais, simbolizando a grande encruzilhada do espaço. Embora o nome remeta à Lira, os Exus Gargalhada pertencem ao Reino das Encruzilhadas e se encontram sob domínio de Exu Sete Encruzilhadas. Além de sua faceta vingativa, são patronos de humor ácido, capazes de quebrar estados de melancolia e tristeza, devolvendo ao adepto a força de viver.²

É nesse contexto que se comprehende a assimilação, em tradições orais da Quimbanda, de Massofia ao título funcional de Exu Gargalhada. O nome Massofia, parece estar ligado etimologicamente à *Sophía* (sabedoria). No imaginário dos terreiros, ele se fundiu com a imagem do riso demoníaco: Massofia seria, portanto, a *sabedoria que ri* — o Exu que oculta mistérios e os revela através da gargalhada.

Assim, Massofia e Gargalhada não são dois demônios distintos, mas duas faces de uma mesma presença infernal: o nome europeu transformado em Exu brasileiro. O primeiro carrega a memória fáustico-cipriânica; o segundo, a prática viva da encruzilhada. Ambos convergem no culto como arquétipo do riso diabólico — zombaria que desarma, sabedoria que perturba, poder que se manifesta pela voz estri-dente.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro



² Excerto do livro de Táta Kilumbu. O LIVRO DOS ESPÍRITOS GANGA DA QUIMBANDA NÀGÔ. No prelo.